



Vedrines, vencedor do concurso d'avição Paris-Madrid, no aerodromo de Getafe — (Cliché E. Blanco)

N.º 277 Lisboa, 12 de Junho de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800 — Semestre, 2\$400 — Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAMA  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

UNIÃO PHOTOGRAPHICA INDUSTRIAL  
ESTABELECIMENTOS  
**LUMIERE ET JOUGLA**  
REUNIDOS  
PLACAS PAPEIS PELLICULAS • PRODUCTOS



**Contra Asthma**  
Remedio de Abyssinia Exibard  
em Pó, Cigarros. — *Allivio immediato.*  
28, Rue Richelieu, Pariz. — Todas Pharmacias.



CONSTIPAÇÕES antigas e recentes  
**TOSSES**  
**BRONCHITES**  
são radicalmente **CURADAS**  
PELA  
**SOLUÇÃO**  
**PAUTAUBERGE**  
que dá  
**PULMÕES ROBUSTOS**  
e previne contra a  
**TUBERCULOSE**

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE  
COURBEVOIE - PARIS  
e em todas as Pharmacias.



**Os Cíneo**  
**Últimos**  
**Perfumes**

Rêve d'Ossian  
Convoitise  
Jardins d'Armide  
Éillet Louis XV  
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA  
**L. LEGRAND**  
11, Place de la Madeleine  
PARIS  
14-15, Conduit Street, LONDON

**ZEISS**  
**BINOCULOS**

PARA  
VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos T 89

A venda em todos os estabelecimentos de Óptica e por:

**CARL ZEISS-JENA (Alemanha)**  
Berlim - Francfort s. M. - Hamburgo  
Paris - Vienna - S. Petersburgo  
Londres - Milão

**XAROPE FAMEL**

CURA  
INFALLIVELMENTE  
BRONCHITES  
MESMO CHRONICAS

**TOSSES**  
**ASTHMA**

PREÇO 800 REIS F<sup>VO</sup>

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL Z  
15, RUA dos SAPATEIROS - LISBOA.  
FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS.

**Vestidos**  
**bordados**

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

Vestidos bordados em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongée, Tulle, Chiffon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.  
Blusas bordadas em Batiste, Nansouc, Toile, Lã, Cachemire, Japonais, Crêpe de Chine, desde fr. 8,50,  
franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

**Schweizer & C.<sup>o</sup> Lucerne A 22 (Suíça)**  
EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDA<sup>s</sup>

# Os Artistas Portuguezes

## NO SALÃO DE PARIS

Paris, n'esta epoca, está atulhado d'arte como um sarcophago antigo das cidades do archipelago em que apodreceu cortezá ou grã-sacerdote. Os armazens e os palacios estão sortidos, podem vir os navios e o gosto irrestringente da America.

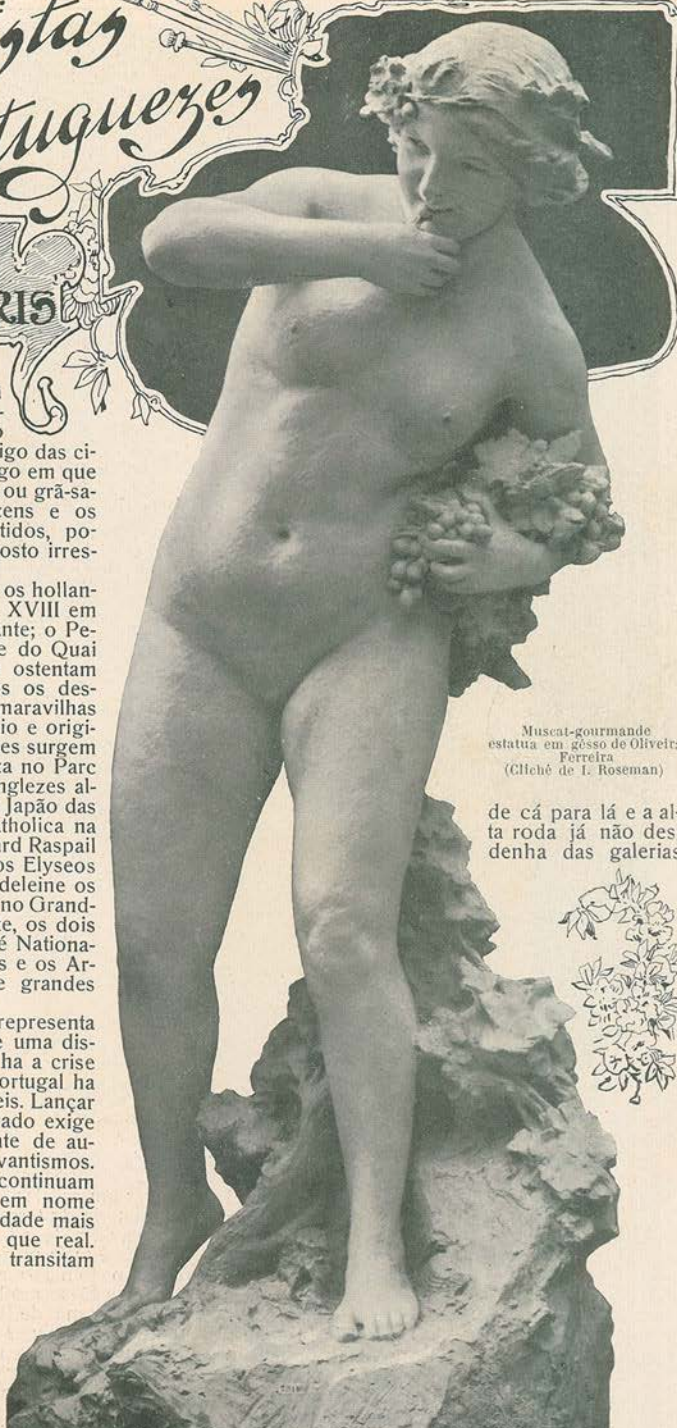
Nas Tulherias reuniram os hollandezes dos seculos XVII e XVIII em patulêa adoravel e pimpante; o Petit Palais g'lorifica Ingres e do Quai d'Orsay os independentes ostentam n'um bello impudor todos os desnorteamentos e todas as maravilhas d'esse pincel revolucionario e original. As pequenas exposições surgem a cada passo: arte chineza no Parc Monceau. Os pastelistas inglezes algures, no Pavilhão Flora o Japão das edades recuadas, arte catholica na Rue Richelieu, no Boulevard Raspail os animalistas, nos Campos Elyseos a galeria do *Rire* e na Madeleine os dissidentes do *Rire*. Emfim no Grand-Palais, o altar-mór da arte, os dois salões rivalisam, a Société Nationale cheia de grandes nomes e os Artistas Français utanos de grandes honraes.

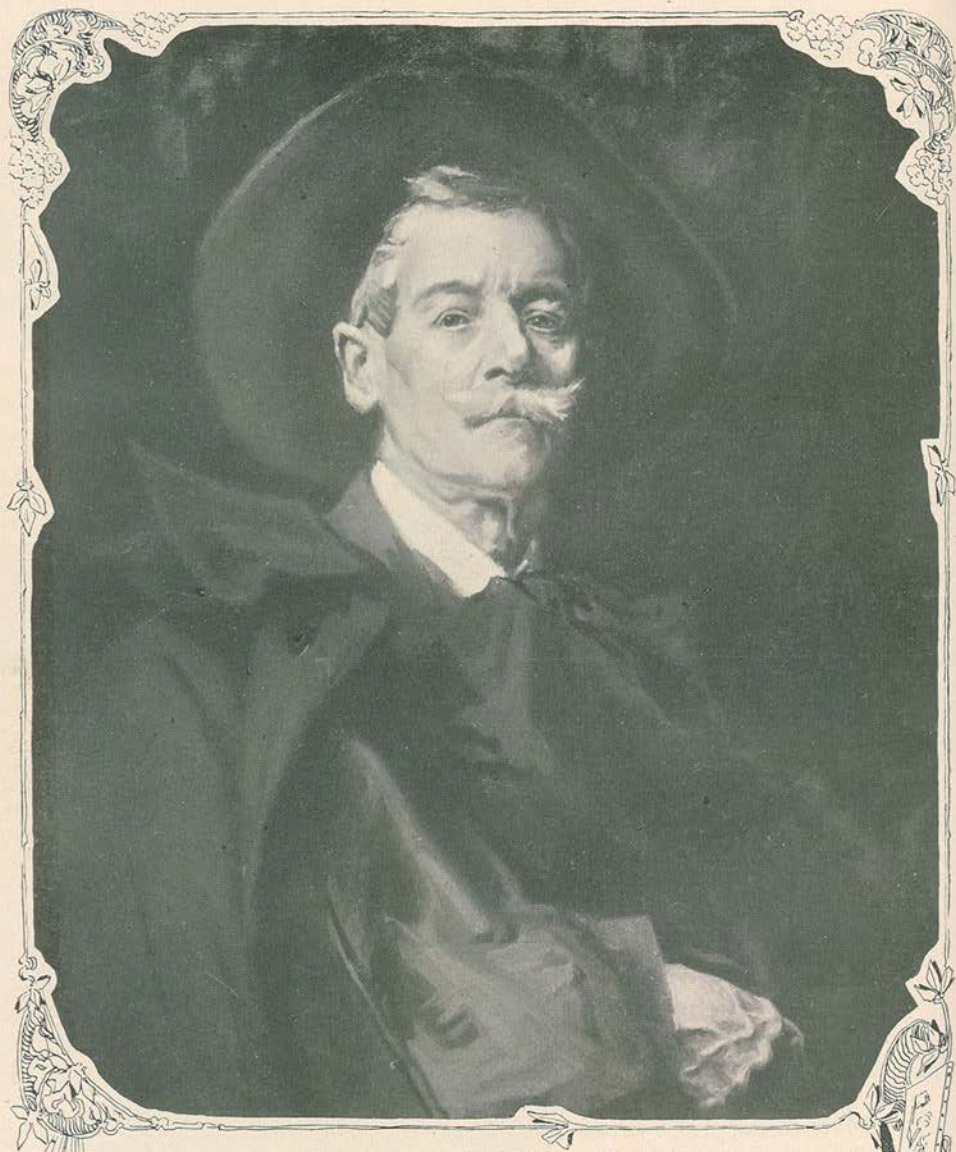
Em verdade tudo isto representa além d'uma plethóra d'arte uma dissaciação. Aqui, em Paris, ha a crise d'arte como em Portugal ha a crise dos bachareis. Lançar pé n'um meio saturado exige um jogo extensante de audacias e de conservantismos.

Os dois salões continuam separados em nome d'uma rivalidade mais apparatusa que real. Os artistas transitam

Muscat-gourmande  
estatura em gesso de Oliveira  
Ferreira  
(Gliché de T. Roseman)

de cá para lá e a alta  
roda já não desdenha das galerias





Quadro de Malhóa

onde Pluvis de Chavannes e Manet expuzeram as primeiras telas escandalosas. Tudo se adoça com o tempo e o humor do publico já não hostilisa a camaradagem do pincel luxuoso de Boidini ou de La Gandara com os amarellos hepaticos de Bernard e a realidade brutal de Simon. A arte innovadora emigrou para o caes e tempos virão em que os proprios *Independentes* serão tão mansos e amorphos como os camaradas do Grand-Palais. E' esta a linha ordinaria da vida para es-

tranhar em artistas a gente mais extraordinaria da terra.

Todavia a decadencia dos *artistas français* é mais profunda. O espirito rotineiro tolhia o accesso a quem quer que fôsse molhado de novidade. O dogma de Bonnat e de Corman era inflexivel? O seculo XIX passou sem ali introduzir um argueiro nem tirar um argueiro. Mediante as honrarias e o concurso do estudo o Salon commercialisou-se e para servir a clientella teve de esquecer a lei da constancia intellectual ne-



Madame Raul Lino, retrato por Columbano

cessaria em tudo. Depois da banalidade do desenho veio a banalidade da rubrica, de que agora fizeram cavallo de batalha.

O caracter do Salon dos artistas francezes d'este anno e essa *course au bonheur* que todo o lisboeta póde admirar n'uma vitrine da rua do Ouro. A ques-

ção tecnica cedeu o logar ao engenheiro da rubrica. Não se busca qualidades de materia ou de pincel mas o desenvolvimento de uma idéa phantastica e delirante. Um escultor a um lado eleva um obelisco de cabeças celebres, todas as summidades de Paris a começar em Victor Hugo e a acabar em Rostand. Ali é Grun que põe na tela todas as realezas do dia desde Desjardin Beaumetz o distribuidor de graças, até madame la comtesse F. a amadora d'almas? N'uma alliança heteroclitia vê-se tudo, Jean Paul ao pé de Ivette Guilbert, Mercier hombro a hombro com um esgrimista da moda. Falta ali Lianne, Pataud e Sam Mac Vea para ser *tout le Paris* como apparece nas Folies Bergéres em apotheoses.

Esta bizarría e frescura de composição contrastou com a modorra da technica e de processos. As nobres ousadias e as anciadas buscas mingua ali. De sala para sala o desencanto fortalece-se. De tempo a tempo lá surge uma nota particular de temperamento e são os hespanhoes que a assignam. Entre um diluvio de telas triviaes brilha um relampago de vigor e pertence a um novo.

Os artistas francezes baixaram assim a muito ouvir a *Marselheza*.

Isto porém não representa um desfallecimento da arte em França; ella ahi está nos *Independentes* cada vez mais senhora de si, cada vez mais arrogante, perdendo no caminho toda a pleiade que entrou no pantheon de ha meio seculo. Matisse manifesta-se cada vez mais perto d'um estylo proprio, Van Dongen realisa maravilhas, Fournierod, risivel ha dois annos faz amargurar o sarcasmo das criticos impenitentes, Castelucho traz uma alma estranha, irregular, mas nova.

Os artistas *français* commetteram o peccado sensual de querer viver para as damas elegantes. O *marivaudage* entrou-lhes na pelle e a con-



sagração das nobres sociedades  
 satisfel-os Como Sansão cahiram na lithurgia que escorre dos bellos labios. E é natural que morram em belleza d'olhos em Berenice, o que é um encanto no maximo dos desencantos.

O estylo Luiz XV andava errante e elles acoutaram-no; os amorinhos que alcovitam aos ouvidos das lindas mulheres e as pastoras que namoram foram reinte-grados na ecloga. As madrugadas, as nimphas, as silphas, os mil pannos langudos, os beijos coloridos como vitraes e repi-cados como pipilas de passaro tinham sido varridos pela vassoura de Courbet, de Manet, de toda essa patuleia que não cria em deusas. Elles voltaram ao aprisco sob a regencia de mr. Bonnat.

E' uma ressurreição depois do crepusculo dos seres que Gessner trouxe a comer á cova da mão.

Os artistas français deram-se além d'isso á funcção social de archivar os passos da moda. A moda da Rua de la Paix é a aia da sua arte. Antes de enlambusar a lona os artistas conscienciosos teem um rendez-vous



1—«Coquette», quadro de Ferreira da Costa  
 2—«Au dessert», quadro de Manuel Jardim



1—«Le Valet de cœur», quadro de A. Pinto  
 2—«E'té», quadro de J. Souza Pinto

com madame Paquin. Os seculos vindouros saberão d'esta fórma a epoca e os episodios com que a jupe-culotte veiu ao mundo e a toga benedictina para mulher.

Porém n'esta galeria luxuosa e aperaltada alguns artistas se escapam da craveira, ou porque sejam bisonhos ou porque as suas qualidades fundamentaes sobrevissem a todas as catastrophes. Mademoiselle Dufan impõe-se em toda a parte bem como Devambeg e B. Morot.

Os artistas portuguezes encaminham-se para este Salão de preferencia a outro porque é ahi que pontificam seus mestres, Jean Paul, Cormon, Mercier; porque é este salão com que a Escola de Lisboa lhes nega a vida; e porque os *artistas francezes* teem uma fama em Portugal que incardiu e é indestructivel como as bolas dos escaravelhos depois de lhes passar a geada por cima.

Mas se pelo numero ficam apegados n'aquella arca de Noé pelo valor se destacam não desmerecendo alguns da *Société Nationale* onde só Columbano figura.



Este anno, seja porque a decadencia de que falamos os chocasse, seja por outras causas, os expositores portuguezes são poucos. Salles e Sousa Lopes não concorreram. Em compensação alguns ahí estranhos ao Salão e cuja arte florescia em silencio, appareceram.

Encontrados no grande hangar da esculptura e nas 44 salas infinitas e estonteantes:

Arthur Anjos Teixeira, a natureza mais sentida e delicada d'artista que tenha formado a alma portugueza. A finura de seus dedos compete com o subtil da sua observação. Teixeira compraz-se como Daudet a focar os aspectos adoraveis e comicamente adoraveis de logar publico. Não ha nada mais real e prazenteiro que as suas figuras. O espelho das horas marca ali o instante ineffavel onde o homem é a gargalhada bondosa da criação. Sem quasi segredos de ingenuidade que nos deslumbram e que Teixeira colhe tão penetrantemente como Manet ás cataduras do céu.

Um seu grupo exposto este anno é *A Robinson*, Robinson um desenfatiado caravansarail dos suburbios onde o humor lepido da midinette e a esturdia inextogavel do estu-

dante contrabalançam elles só a melancolia da terra. N'elle ha um fino episodio da *ournée* em Robinson. Os burros aqui são como em Cacilhas aos enxames e alceiros e teimosos, todas as contradicções de caracter que deve haver n'um philosopho de gemma. Aquelle que Teixeira modelou é um sendeiro que assentou não marchar e que não marcha. Deriba vae a parisiense, perna gulosa á mostra, n'um hilariante desequilibrio, chapeu um pouco á pampa a escorregar da nuca E teimando contra aquella teima um bom monsieur está espedado ás trazeiras do azemol, as



1—Le Chatiment, gesso de Anjos Teixeira  
2—A Robinson, gesso de Anjos Teixeira  
3—A Robinson, outro aspecto, gesso de Anjos Teixeira



bochechas inchadas d'um esforço inefficaz. Este grupo é d'um jucundo humorismo e ao mesmo tempo d'uma impiedosa realidade. Aqui não ha gerôme e ha um pouco mais que a fórma imprecisa das figurinhas de Dalon.

*Le chatiment* revela além d'um primor de linha as blandicias—por assim dizer—infinitesimae de carne apaixonada.

N'estes grupos, bem como na *Volta do campo* na *Declaration*, nos *Invalidos* a harmonia é tão completa que o espirito sae d'este velho principio que só na obra onde ha lacunas o homem se extasia e se contenta. Esta galeria de observação terna e arguciosa vae crescendo a olhos vistos Teixeira tem além d'isso o espirito de sequencia que muito desampara o homem portuguez. E este é d'um artista que, fóra de todo o preconcebimento do compatriota e toda a transposição







1—Retrato de A. de Sousa (terra cota de Pinto do Couto)  
2—Busto de A. Amburns por Oliveira Ferreira

involuntaria da penna, vae a caminho de um logar assignalado na arte contemporanea.

*Manuel Jardim* foi um dos que appareceu pela primeira vez no *Salon*. Lisboa intellectual e sobretudo o mundo que toma chá em Lisboa, conheceram ha annos um moço alto como um espinafre e magro como uma lauda de papel. Tinha ditos cortantes e seccos e frequentava a Academia. Depois sumiu-se, enfonhou-se por Paris, em Montmartre, aspirando os religiosos haustos da Butte, no atelier de Montparnasse de que o seu ar so'emne guardava a entrada como um dragão.

Decorreram quatro annos e Jardim não expoz uma tela nem fez retrato de menina brasileira. Traçoeramente umas reproduções de duas fachadas mas voaram para a *Illustração Portugueza* e foi tudo.

Ah! o mysterio, o que faz o mysterio! Elle touca as coisas de todos os valores e de todas as coisas como uma fada desentafiada, o nome de Jardim oscilava em todas as gamas da opinião.

Mau grado seu, Jardim expoz este anno. Seria prematuro? não. O quadro de Jardim é uma extraordinaria reve'ação. No café do Pantheon, n'uma roda d'artistas onde se discutiam os *Sa de*, ouvimos dizer que osmelhores trabalhos de pintura expostos nos *Artistas Francezes* eram

o quadro de Jardim e um outro de Carrera. Disse-o uma bocca pouco habituada á reverencia e ao mesmo tempo um escultor de idéas novas.

O quadro de Jardim, sendo uma grande promessa, tem todavia os seus peccados a meu vêr. Nota-se n'elle um pouco de precipitação, n'aquella mesa sem equilibrio perfeito e na linha um pouco hirta da mulher. Mas a materia é fina, é sensibilisante havendo n'elle uma sonora harmonia de tons, desde o negro rico de vibrações ao rosa mimoso de caricias.

E na mesa nos fructos, denota-se uma technica poderosa capaz de todas as realizações. Sente-se, sobretudo, n'aquella tela uma alma que nem é tão rubra como a hespanhola nem tem o dominio da pausa da franceza. Ha ali qualquer coisa que frême de amoroso, de calido, de sensitivo, tres pulcros insophismaveis do temperamento portuguez.

Chama-se o quadro *Portrait de femme*, titulo discrecionario dos continuos ou do jury, e até aqui se sente a maneira de ser do artista, n'este desleixo da roda, este desapêgo em baptisar, tão voluptuoso, tão martyrisante, tão balanceado no espirito!

*Oliveira Ferreira*, que já se affirmou no concurso de Lisboa de 1908, expõe um busto e uma estatua de tamanho natural. Estas duas obras sobresaem tambem na longa phalange da estatuaria. Ha n'ellas uma sinceridade que toca. A arte de bem modelar rivalisa n'este escultor com o poder de bem sentir. Elle traduz os seres e as coisas como os apercebe a sua retina; com a franca honestidade d'um flamengo. Onde Teixeira Lopes, seu mestre, se demora a captivar elle fica a convencer. O seu estylo não tem o arrojo das novidades; mas a natureza offerece um recommendavel ideal. Todavia elle não tirou seus estyletes do velho armario classico nem narcisa os gestos das suas figuras. Como lhes vieram ás mãos assim lhe saíram da mão, nem exoticas, nem lobishumanizadas. É um artista sincero, d'essa sin-



ceridade que inflorou a renascença

A lenda dos grandes mestres! Como elles procedem e que caminhos escusos e paradoxaes passam até attingir essas realisações que nos beliscam o gôsto!

Rodin submete os modelos ás complexas praticas da remonta, ausculta, tacteia, fal-os manobrar n'um «film» de gymnastica e de luz. Gerôme andava á caça das hastes vibrateis e delicadas de mulher para as vasar no barro.

Ao contrario d'estes a obra de Oliveira Ferreira inspira-se expontaneamente dos seres e das coisas que o cercam. A sinceridade e o sentimento são tão naturaes em sua casa como a luz do dia. Ahi estão a sua estatua *Gourmande* e o busto que o comprovam.

*Malhõa* expõe tambem um retrato perdido nos confins das quadragesimas salas. Bem marcado, mas pobre de tonalidade o seu *Verissimo*.

*Alberto Pinto* apresenta no *Valêt de coeur* um fogo habil de colorido. Este é um dos medalhados e que se impöz fóra do nosso meio. A Republica compra-lhe os trabalhos e n'isto está a mais profunda critica.

*Sousa Pinto* concorre com dois quadrosinhos, desenterrados — ao que me disseram — da tarefa dos annos passados. Um d'elles é pouco maior que um bilhete postal, mas é viçoso e animado.

*Ferreira da Costa* perde-se no labyrintho com duas telas.

*Francisco Gouveia* tem uma vitrine cheia de estatuetas de homens celebres, João Chagas, Guerra Junqueiro, etc.

Outros, provavelmente, ficam perdidos na floresta inextricavel onde é impossivel descobril-os. Em



Retrato de Bulhão Pato  
por  
Columbano

(Cliché de João Carlos Coutinho)

summa o Salão dos Artistas Francezes é prodigo de promessas para com Portugal.

Dos portuguezes ha ainda a citar *Amadeu Cardoso* que expõe varios desenhos nos *Independentes* e na *Societé National*.

*Columbano* com dois quadros, dos melhores do Sa'ão, o retrato de Bulhão Pato, uma maravilha, e um retrato de mulher muito fino mas um pouco distante da tonalidade habitual do grande mestre.

Paris 1911.

AQUILINO REBEIRO.



# Londres Magnifica!

## OS RESTAURANTES DOS GRANDES HOTELS

Paris recebe os seus hospedes com mais graça; Londres recebe-os com mais pompa. O restaurante e o hotel de Paris são do estrangeiro. Para elle parecem ter sido construidos, adornados, fornecidos. O restaurante e o hotel de Londres recebem o estrangeiro sem o distinguir do inglez. O inglez é o seu cliente de mais cathogoria. O cosmopolitismo de Londres adapta-se ao ambiente britannico, que lhe imprime, despotico, o seu caracter. Entrar á hora do jantar ou á hora da ceia n'um grande restaurante dos *boulevards* é entrar nas dependencias capitosas de uma Cosmopolis. Entrar nos salões faustosos de um hotel do Strand, de Picadilly ou de Pall Mall, no Savoya, no Ritz ou no Carlton, é entrar nos dominios opulentos do luxo britannico. O jantar e a ceia nos grandes hoteles tornaram-se em Londres uma instituição mundana. Em Paris, o Ritz e o Elyseu-Palace tudo tentaram para introduzir a moda ingleiza. As tentativas



fracassaram. *Smart-Society*, em Paris, não janta nos restaurantes de um hotel. Comprehende-se o motivo. Nem os seus hoteis teem a pompa solemne dos de Londres, nem é possível em Paris dominar a soberania indiscutida do estrangeiro. Mas por isso mesmo Paris desconhece o espectáculo brilhante que constituem, ás ho-



1—O Hyde Park Hotel

ras que precedem e se seguem ao teatro, os salões illuminados e floridos dos restaurantes dos hoteis, onde a ostentação da millionaria americana encontra a replica da sumptuosidade sobria da *lady*. E tudo n'essas solemnidades tem o apparato grandioso e o ar aristocratico de reuniões mundanas. Dir-se-hia que se janta *par petites tables* no palacio de um *lord*. A's sete horas —os espectaculos —comçam em Londres, em

2—O restaurante do «Hyde Park Hotel» á hora do jantar  
3—O chá no terraço de um grande hotel do West End



1—O chá no Carlton-Hotel  
2—A ceia no restaurant no Carlton-Hotel

todos os theatros, muito cedo, e terminam geralmente ás 11 horas,— começam parando em frente do atrio dos hotéis de luxo as carruagens, de onde descem as mais lindas mulheres do mundo, a que offe-

rios, onde as *maids* de vestido de seda preta e toucas de renda branca as desembarçam dos agasalhos sumptuosos, das *sorties* forradas de marta zibelina, de herminias ou de skonz. E eilas que surgem, no vestibulo coberto de tapetes orientaes, aquecido por irradiadores invisiveis de ar quente, adornado com palmeiras dos tropicos e rosas de Italia, ostentando a semi-nudez dos collos de marmore e de coralina, onde flamejam joias, arrastando as caudas transparentes dos vestidos, divinas pavões humanas a quem a natureza trespassou todos os attributos de belleza da ave vangloriosa de Juno.

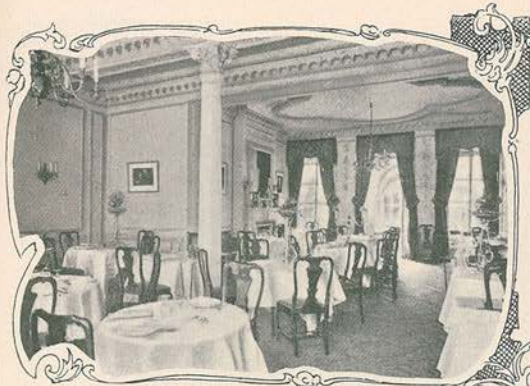
Uma orchestra de zingaros, de *smokings* escarlates e cabelleiras romanticas, toca valsas austriacas ou czardas polacas no *hall* illuminado, convertido n'uma



3—O almoço no Grill-Room do Carlton-Hotel

recem o braço os homens mais correctos da Europa. Os porteiros de libré abrem solememente as portas de crystal dos perystillos, os pagens de farda encarnada, azul ou verde, abrem por sua vez as portas do vestibulo. Os *valets de pie* tomam conta dos chapéus e das bengalas. As mulheres somem-se por um momento nas salas dos vestia-





1—A sala de jantar de um dos hotéis de Londres

tas da sala de jantar, como se concedessem o acesso a um santuário.

O salão-restaurante, a maioria das vezes decorado no estilo Adam—o Luiz XVI inglês—é sempre de uma magnificência real. Toda a imaginação dos Waring ou dos Maple se applicou na decoração d'esses scenarios onde o bom gosto britânico exige a aliança da discrição e da opulência. Em cada meza, sob os cones luminosos projectados pelos *abats-jour* escar-

immensa estufa ou em jardim de inverno. As caudas coloridas dos vestidos vão arrastando e palpitando através da *palm-court*. Novos creados de casaca abrem, emperdigados e solemnes, as por-

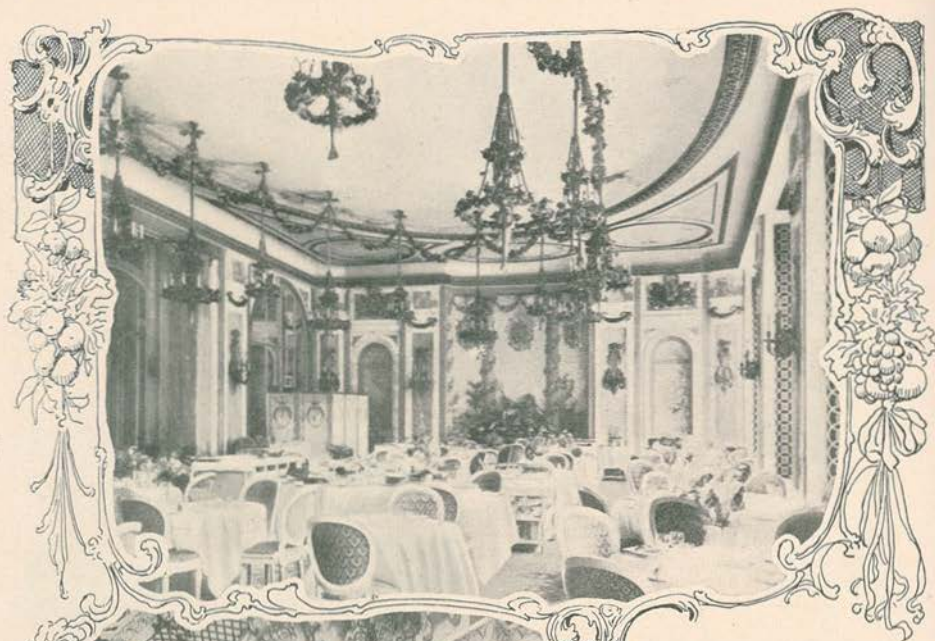


2—O Hotel Ritz em Piccadilly  
3—A entrada do Ritz-Hotel



lates das serpentinas, rescendem flôres frescas a todas as horas chegadas a Londres, acondicionadas como joias em algodão em rama, dos jardins da Riviera. Em poucos minutos, todas as mezas são occupadas e o jantar, servido por dezenas de creados silenciosos, dirigidos pelo *maitre-d'hôtel* vigilante, decorre rapido, sem os intervallos ruidosos das conversas latinas, com uma cerimonia que não exclue a alegria e a que, se falta a exuberancia, sobra a distincção.

O que torna eminentemente original o jantar do grande hotel inglês, quer seja o do Windsor ou o do Ritz, o do Carlton ou o do Savoya, é a elegancia que lhe trouxe a concorrência da aristocracia. O restaurante é em Londres uma instituição mundana, ao contrario do que succede nas restantes capitães da Europa, em que ficou sendo o recurso mais ou menos luxuoso do estrangeiro. Dar um jantar no restaurante, e não só no



A sala de jantar do Blitz

do hotel sumptuoso ou no do club, mas no proprio restaurante *fashionable* de Piccadilly ou Regent-Street, é uma moda consagrada pelo *hyper-janotismo* de Mayfair. E seria preciso fechar os olhos á verdade para negar o quanto essa moda libertou em grande parte a mulher das preocupações e dos enfados que sempre lhe traz a preparação de festas e jantares consecutivos, que mesmo as mais opulentas não podem confiar por completo ao zelo duvidoso dos mordomos e creados, sob risco de não afinar o colorido das flôres com o das tapeçarias, de ter esquecido perfumar com resina as achas do fogão ou de oferecer a lord B... *champagne* doce quando elle só gosta de *champagne extra-dry*...



O vestibulo de um grande hotel de Londres



# FIGURAS E FACTOS



Os admiradores do illustre escriptor Trindade Coelho, cujo fim causou uma verdadeira commoção, deliberaram collocar uma lapide na casa onde elle nasceu no Mogadouro, o que se fez n'uma simples e commovedora cerimonia. D'este modo os conterraneos do auctor dos *Meus Amores* mais uma vez prestaram a homenagem a que tem direito a sua saudosa memoria.



1—A casa onde nasceu o sr. dr. Trindade Coelho, no Mogadouro e onde foi collocada uma lapide commemorativa



Mais do que a nenhum outro dos escriptores que o precederam se poderia applicar a Rocha Martins o honroso epitheto de Alexandre Dumas portuguez. Como no auctor dos *Tres Mosqueteiros*, o poder de improvisação do auctor do *Gomes Freive* e da *Madre Paula* é de uma exuberancia surprehendente. Aos 25 annos, Rocha Martins, n'uma terra de escriptores inactivos, tinha escripto e publicado mais de 3:000 paginas de romance e novella! A esta exuberancia meridional corresponde uma erudição historica vastissima, que abrange as epochas mais longinquas e diversas, se bem que pela predilecção revelada pelos assumptos que mais versou até hoje a sua penna elegante e fecunda, não seja difficil constatar a especialisação das suas investigações historicas na epocha que se estende desde o seculo xviii ao periodo pittoresco do romantismo. E' dentro d'este periodo historico, tão familiar ao brilhante romancista, que elle es-colheu o assumpto do seu novo livro *A corte de Junot em Portugal*. Um livro bello, dos que ficam.



2—Rocha Martins, o auctor da «Corte de Junot em Portugal» (Cliche Fernandes)

3, 4, 5 e 6—As recitas infantis da «Viuva Alegre» no Salão do Rocio

# UMA FESTA POPULAR NA AUSTRIA

As festas populares mettem sempre as danças características de cada nação e é assim que a Venezuela dança a *Bandeca* como o portuguez do Minho o *Vira*; a Inglaterra o *Har-Pipe* e a Irlanda os *Fenians*. A Austria de costumes tão pittorescos tem os seus bailes regionaes; as suas danças cheias de caracter, destacando-se, todavia, as que veem da Hun-



1—Typos de camponesas bavaras  
2—Typos de camponos de Bied  
3—A dança da estrella, dançada por camponeses de Steizhammer



gria, como a *Czarda*. Nas grandes festividades do povo ha pouco realizadas foi essa que mais se dançou apesar de recordar á Austria vencedora a Bohemia sujeita. Mas o povo que sabe encontrar a belleza das cousas diverte-se sempre sem pensar no que ellas podem ter de antagonico.

A *Czarda* é bella; cae bem no seu animo.

Pois dança a *Czarda* na Austria enquanto os patriotas húngaros relembram Kossuth e a sua republica ephemera.





# UMA FESTA NO COLLEGIO DAS PEDRAS NEGRAS.

No collegio de meninas da travessa das Pedras Negras, de que é directora a sr.<sup>a</sup> D. Joanna Cordeiro Simões, realisou-se uma festa notavel, pelo cunho educativo e relevo artistico que a revestiu. As alumnas desempenharam uma opereta inédita, original do sr Mello Vieira e maestro Benjamin, sendo recitados primorosos versos do inspirado poeta sr Affonso Simões,



1—Os directores do collegio, D. Joanna Cordeiro Simões, e Affonso Simões  
2—Grupo de alumnas que executaram a canção alsaciana «L'oiseau qui vient de France»  
3—Alguns trabalhos das alumnas



4—Aspecto de uma das salas do collegio onde se realisou a exposição de trabalhos e de finos artefactos



e cantada em côro a formosissima canção alsaciana *L'oiseau qui vient de France*, que a distincta professora mademoiselle Maria Spield ensaiou, com costumes a rigor, e de uma fôrma a merecer os applausos calorosos que colheu da assistencia

## O CONCURSO DA LAPIDE COMEMORATIVA DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

Na tabella central da escadaria da camara municipal foi collocada a lapide commemorativa da proclamação da Republica.

Na manhã de 5 de outubro da varanda do edificio o sr. dr. Eusebio Leão declarou abo-



1—A lapide do escultor Simões d'Almeida que obteve o 1.º premio

lida a monarchia e proclamada a republica deante de um grande concurso de povo entusiasmado.

Para essa celebração foi aberto o concurso d'uma lapide, cabendo o primeiro premio ao escultor José Simões d'Almeida, sobrinho, a quem foi ad-



OCTUBRO 1912



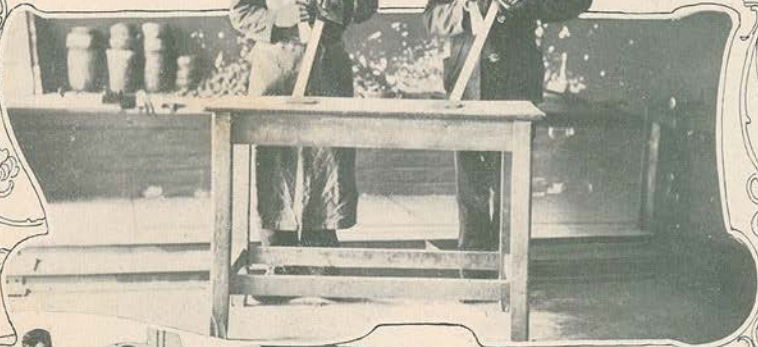
2—A lapide do sr. Tertullano de Lacerda (2.º premio)  
3—A lapide do sr. Francisco dos Santos (2.º premio)

judicada a obra. Os segundos premios, de cem mil réis cada um, pertenceram aos distinctos artistas srs. Tertullano de Lacerda e Francisco dos Santos.

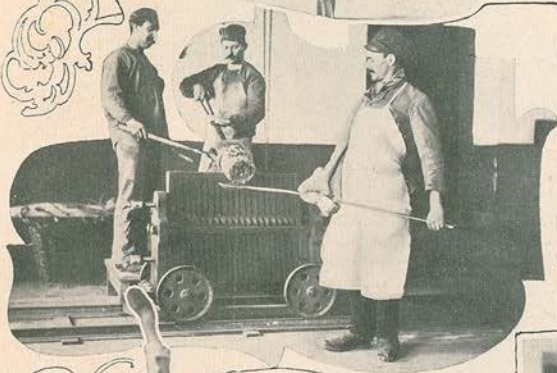
Outros projectos appareceram que a commissão de esthetica classificou em merito absoluto, exceptuando os que tinham as legendas *Tejo e Patria livre n.º 2*.

Com uma simples cerimonia se fez a inauguração da lapide commemorativa, ficando assim perpetuado este facto historico.

# COMO SE FARÁ A NOVA MOEDA DA REPUBLICA



1—Rebarba das barras



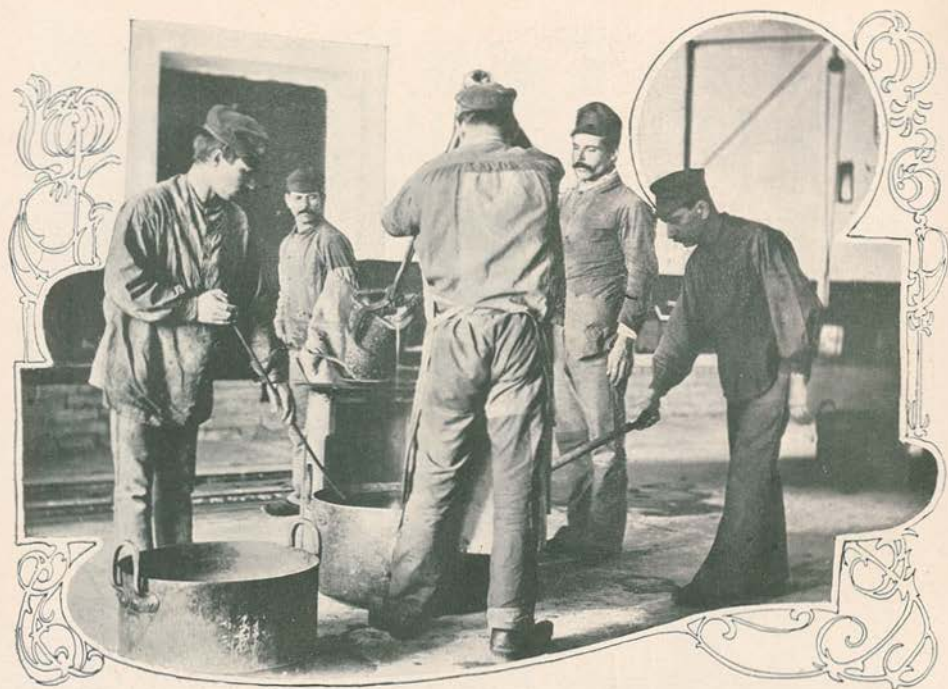
Dentro em pouco entrará em circulação a nova moeda que, segundo parece, será o luso. O luso é uma velha idéa do tempo em que o sr. Rodrigo Pequito foi ministro da fazenda. A esta hora já as barras de prata estão prontas para entrar no forno a receberem esse calor que as torna maleáveis dentro dos seus cadinhos de tão bella coloração que os operarios tiram depois para fóra com as enormes tenazes.

Entra de seguida a barra na laminação para fi-



2—A granalha  
3—O corte da barra

car na espessura desejada. A machi-



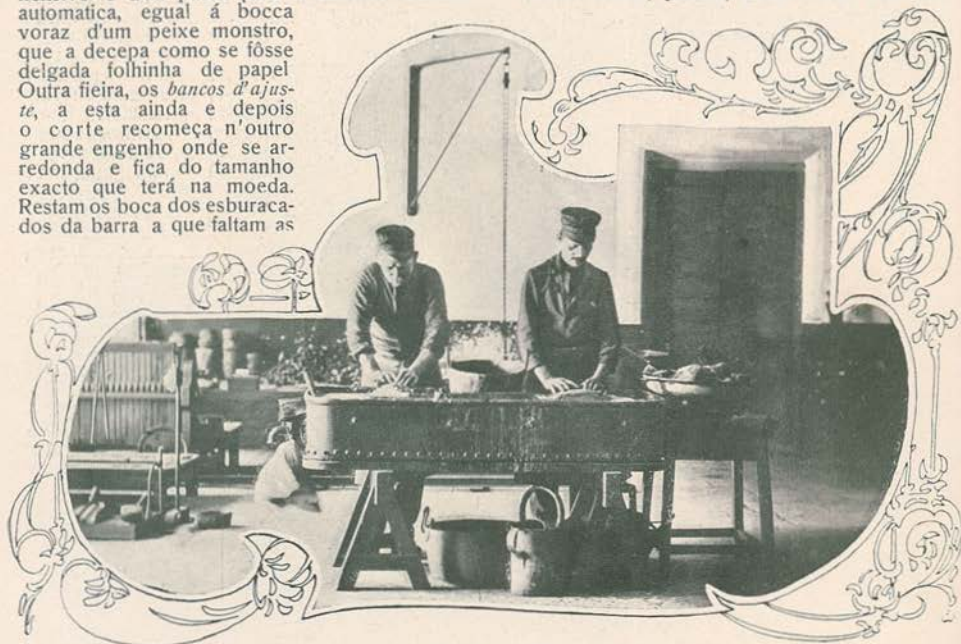
Fazendo granalha

na faz o trabalho com uma enorme precisão, com uma equaldade mathematica bem comprehensivel e d'ali passa para a enorme tesoura

automatica, igual á bocca voraz d'um peixe monstro, que a decepa como se fôsse delgada folhinha de papel. Outra fieira, os *bancos d'ajuste*, a esta ainda e depois o corte recomeça n'outro grande engenho onde se arredonda e fica do tamanho exacto que terá na moeda. Restam os boca dos esburcados da barra a que faltam as

moedas que a machina cortou e as quaes vão ser recosidas.

Faltar-lhes-ha, porém, ainda n'esta altura al-



Lavagem das barras

guma coisa como a sua sagração,  
aquillo que a valorisa: o cunho.

Deitam-se no boccal d'uma  
outra machina para d'ahi a



A laminação

(Glichés de Benoitel)

pouco, n'um filantar as moedas sahirem com o seu rebordo leve e protector que protege o cunho, que se vae fazer, aquillo que as sagra. D'um lado, naturalmente a effigie da Republica graavda n'um grande cunho d'aço; em baixo outro cunho onde se marcará talvez o valor e um operario move o braço do engenho, uma laçadeira empurra as rodellas e ellas caem iá poderosas n'uma vil caixa de folha. Trazem tambem já a serrilha obtida que é feita ao mesmo tempo que a cunhagem.

Assim nascerá o luso. Cá fóra milhares de braços lutam por elle, milhares de cerebros se cançam pelo seu poder n'uma ancia de o possuir aos milhões.



O saccabocados

# AS CONSTITUENTES DE 22



A revolução de 1820 foi um movimento romântico com ingenuidades de velhos portugueses. A idéa da revolução franceza fervia nos seus cerebros e turbilhonava tambem na cabeça do rei João VI cheio de terrores, apegado a medos ancestraes. Não eram todavia de temer esses bondosos burguezes de 1820, cheios de romantismo, de rhetorica e d'ideal. A sua acção contribuiu muito para a implantação de regimen mais liberal mas no fim de tudo não queriam fazer mal a ninguém, do que mais tarde tiveram que se arrepender.

D'essa revolta sahiram as primeiras côrtes com caracter electivo e que entraram a funcionar n'uma sala do convento dos Neces-



sidades, tendo a presidil-as um retrato do soberano assignado pelo celebre pintor Domingos de Sequeira. Inauguraram-se as sessões em 26 de janeiro de 1821 e os homens com as suas casacas de briche, empertigados e ardendo em fé patriótica declararam desde logo a necessidade de ser assignada uma constituição por el-rei.

Demittiram as auctoridades, crearam a atmospheria do seu partido, fizeram nomeações e só ao cabo de cento e dezeseite sessões, em 23 de setembro de 1822, a constituição appareceu, começando assim com grande gaudio dos par-

1—Alguns deputados ás Constituintes  
2—A capa da Constituição de 22



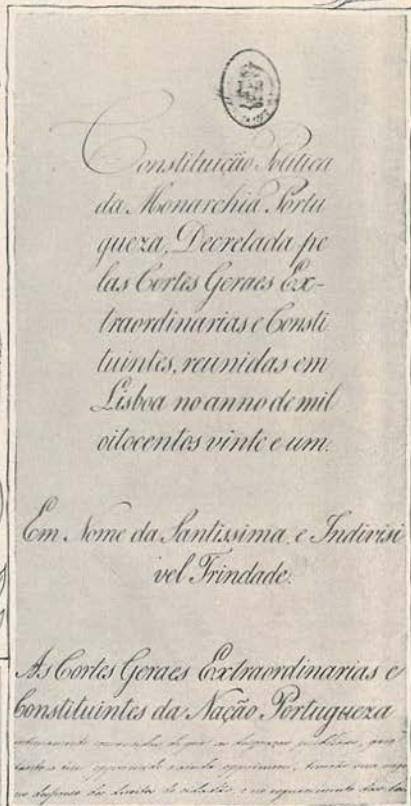


1—Agostinho José Freire  
2—Frontispício da Constituição de 1822

militares, bachareis ou clérigos, não poderiam votar. Também eram exceptuados os criados de servir e os analfabetos. As eleições eram directas e cada legislatura

durava dois annos, não podendo o rei assistir ás sessões da camara. Os deputados tinham subsidio e eram inviolaveis não lhes sendo permittido durante a sua função pedir para si ou para outro favores ao Estado.

Tem alguns pontos bem ingenuos essa Constituição cujo original agora se expõe, com outros documentos, relativos á epo-



des. vinte e quatro de Setembro do mil oitocentos vinte e um.

Agostinho José Freire  
Proferencia

Aviço para guardar e para guardar a Constituição politica da Monarchia Portuguesa, que acabou de decider as Cortes Constituintes da mesma Nação.

Linha da Carta, em 1.º de Outubro 1822.

J. S. L. R. R.

3—A assignatura de D. João VI na Constituição de 22

(Gilehes de Benolle)

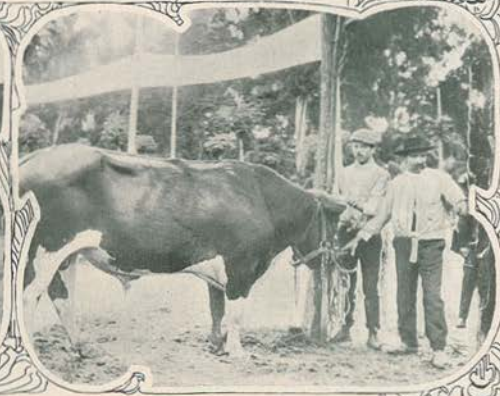
ca, n'uma sala da Bibliotheca Nacional, mettida na sua pasta azul com as armas reaes bordadas a prata.

A pobre Constituição assignada pelo rei devia ser posta de lado, logo no anno seguinte, com o pronunciamento militar do Rocio, tendo-lhe sempre a rainha Carlota Joaquina negado o seu juramento.



# O concurso de Pecuaria no Campo Grande

Realizou-se no Campo Grande em 4 de junho o concurso de pecuaria sendo classificada em primeiro lugar a vacca «Joia» que já obtivera igual premio no anno anterior quando se iniciou o concurso.



1—A direção da Associação d'Agricultura visitando a exposição  
2—Um aspecto da exposição 3—Exemplar premiado  
4—A vacca raça taurina que obteve o premio — (Clichês de Benollet)

# O NOVO IMPERADOR DA ABYSSINIA

Os reis de Portugal tiveram entre outros títulos os da Conquista na navegação Ethiopia e Arabia.

Nunca houve n'essa Abysinia um dominio effectivo como de resto não existiu nem na Arabia nem na Persia.



- 1—A imperatriz Taitou
- 2—O imperador Menelick
- 3—O novo imperador Lidy Eyassu

O caso, porém, é que o título continúa a ser do rei destronado, n'uma manifestação platónica, enquanto effectivamente existe na Abysinia um rei recentemente escolhido pelos *ras* e que é o neto do fallecido *negus* Menelick e da imperatriz Taitou.

Esse soberano é uma creança ainda, chama-se Eyassu o imperador da Ethiopia accrescentada em tempos de glorias ás vastas qualificações dos reis portuguezes.

Foi Menelick o unificador de aquella vasta região onde os *ras* se envolviam em constantes luctas a que elle pôz termo vencendo os mais ousados e che-



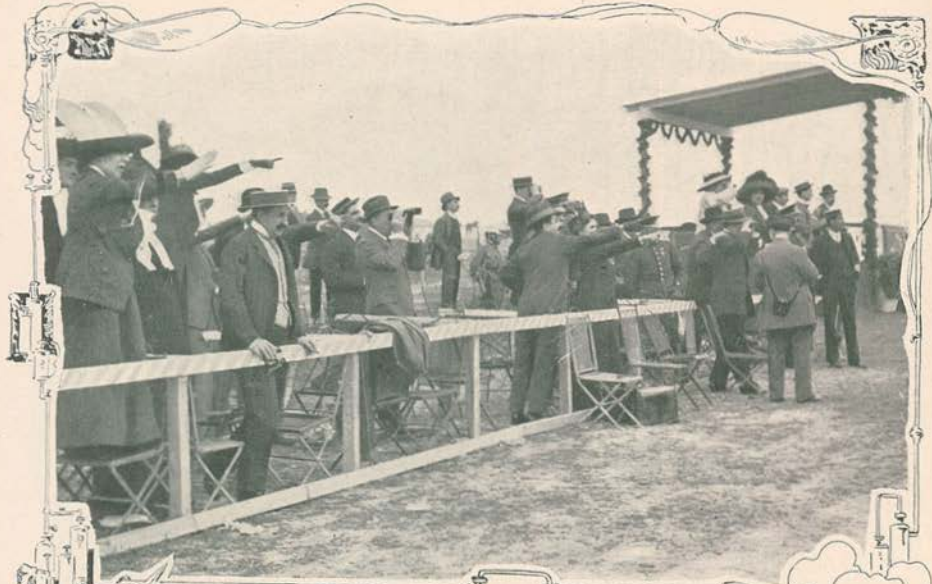
gando depois d'uma maneira ponderada e sabia ao seu dominio. A dynastia formou-se e o Menelick foi o rei dos reis que legou agora o throno a seu neto.

# UM HOMEM QUE VÔA DE PARIS A MADRID

Foi iniciado d'uma fôrma bem desastrosa o concurso de aeroplanos entre Paris e Madrid que d'uma maneira tão interessante devia acabar. No aerodromo d'Issy les Moulineaux morreu o ministro da guerra Betreux victima do aeroplano que cahiu sobre elle e sobre o presidente do conselho que ficou ferido, mas o concurso, promovido pelo *Petit Parisien* continuou e Vedrines recebeu na capital de Hespanha a consagração devida ao seu arrojado vôo. Em 37 horas e 26 minutos o aviador percorreu 1227 kilometros o que é uma extranha velocidade e desceu pelas 8 horas e 6 minutos da manhã de 26 de maio no aerodomo de Getafe, perto de Madrid. Mal poz pé em terra deitou-se extenuado enquanto um batalhão de photographos assestava sobre elle e sobre o seu aeroplano as objectivas das suas machinas. Quando o governador civil de Madrid lhe contou que Gibert, o outro aviador, tinha sido atacado pelas aguias, ciosas da realza dos espa-



1—O intrepido aviador Vedrines, vencedor do raid  
Paris Madrid  
2—O aeroplano de Vedrines chegado ao campo de Getafe  
(Clichés de E. Blanco)



ços, Vedrines declarou que tambem uma d'essas aves se lançara furiosamente contra a helice do seu aeroplano.

Narrou depois a sua lucta com o vento desde Burgos até Madrid e tirando do bolso um masso de cartas dirigidas a alguns hespanhoes illustres distribuiu-as, dizendo que assim tinham chegado mais depressa que pelo caminho de ferro.

D. Afonso XIII recebeu o aviador no dia seguinte ao da sua chegada, escutou a narrativa d'essa bella viagem aerea e ouviu ainda uma dissertação de Vedrines acerca do estudo actual da aviação.

O pae do heroe d'esta travessia que é um operario soldador, ao ter a noticia da chegada do filho a Madrid, disse:

«Não tive receios de desaires. Sei que elle é um homem prudente mas voluntarioso como eu. Se na minha mocidade houvesse aeroplanos eu teria subido n'elles em vez de andar a soldar o zinco pelo alto dos telhados.»

Além de Vedrines tomaram parte no concurso os aviadores Ranzay, Weymann, Beaumont, Garros, Gilbert, Frey, Vedept, Garnier e Trani, cujo aeroplano da sua invenção foi o causador dos desastres em Issy-les-Moulineaux.



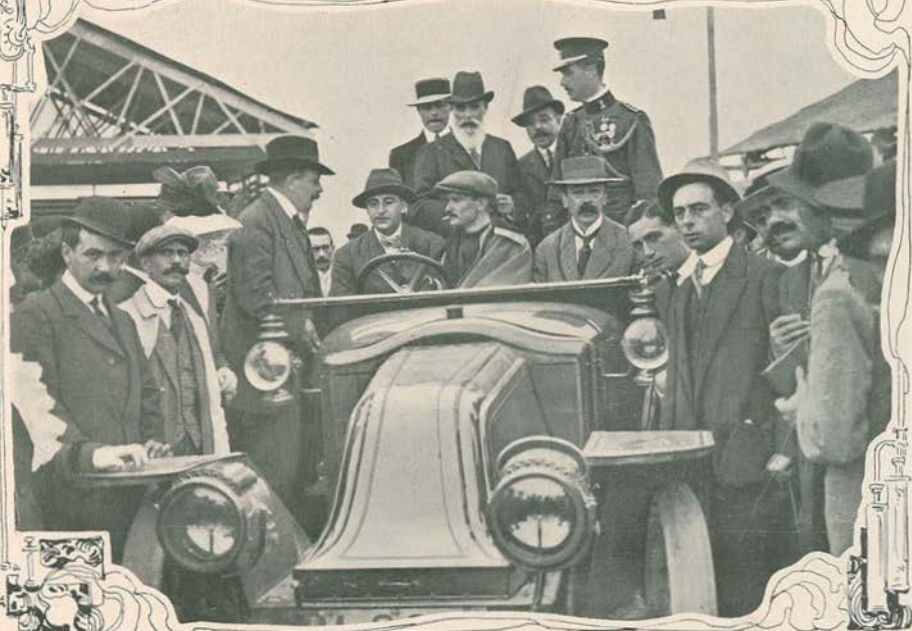
1—A assistencia de Getafe avista o aeroplano

2—O contacto com a terra

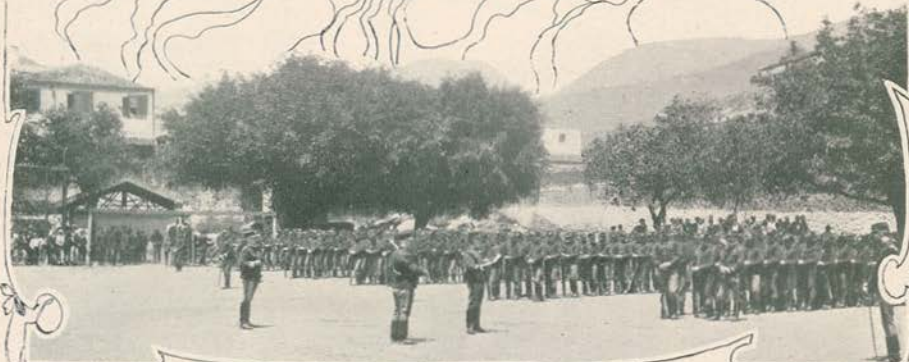
(Cliché E. Bianco)



1—Como um passaro a que cortaram as azas, Vedrines, depois da «aterriçagem»,  
fica imóvel e atordoado, sem movimentos  
2—O vencedor, acompanhado pelo presidente do Aero-Club e pelo governador de Madrid,  
a caminho da cidade  
(Clichê de E. Blanco)



# Uma Festa Militar no Funchal



O juramento de bandeiras começa em Portugal a revestir-se d'alguma cousa de profundamente solemne, livre da idéa religiosa, preponderando n'elle, sobretudo, o amor pela patria. Agora são os commandantes dos regimentos que falam aos seus soldados no culto da nação, que lhes ensinam os seus deveres em allocuções onde vibram as notas do patriotismo e da união da familia militar.

O soldado começa a comprehender a sua missão de defensor da patria. Já não é a machina mas sim o elemento consciente de dia para dia mais activo e que com a lei do servi-

ço militar obrigatorio decerto mais affirmará essas qualidades.

Nos corpos do continente tem-se celebrado as cerimoniaes seguidas de exercicios desportivos, de festas, onde ha a verdadeira confraternisação, o que tem sido registado nas paginas d'esta revista

Tambem no quartel de infantaria 27, no Funchal, se fez ha dias a cerimonia do juramento de bandeiras, aproveitando-se essa festa para condecorar os soldados da unidade que mais se distinguiram pelos relevantes serviços prestados por occasião da epidemia do cholera na Madeira

O regimento formou na parada sendo chamados os recrutas para prestarem o seu juramento, mostrando-lhes depois o commandante sr. Moniz Teixeira como a republica pre-



1—A chamada dos recrutas 2—O coronel Moniz Teixeira collocando as medalhas de philantropia no peito dos agraciados



O jantar das praças

meia as acções generosas que se praticam. Realisou-se depois uma visita ao quartel, que estava engalanado, em que os officiaes acompanharam o governador civil da ilha sr. Manuel Augusto Martins.

N'uma das casernas foi collocado o retrato do ministro da guerra n'uma homenagem prestada pelo re-

gimento ao sr. coronel Xavier Barreto.

E' com estas cerimoniaes que os soldados portuguezes, ao chegarem aos regimentos, veem como a vida militar, que julgavam ter a dureza e os horrores antigos, é já aplacada pela comprehensão, vinda dos superiores, d'uma confraternisação que só pôde ser util para a disciplina.



O ajudante do regimento, tenente Galvão, fazendo a leitura dos deveres militares

# O Capital inglês visita Portugal



1—O grande industrial milionario inglez Lipton conduzindo a bordo do seu hiate «Erin» o ministro dos estrangeiros, dr. Bernardino Machado

2—Os almirantes Ingleses sir Archibald Douglas B. H. Bacon e M. Charis Ellis, representantes de importantes casas constructoras navaes de Inglaterra, Turners, opulento financeiro que vieram a Lisboa no hiate «Esmeralda», saluando do ministerio da marinha, aonde foram visitar o respectivo ministro

(Cliches Benoitel)





## DE PARIS A TURIM PELO CAMINHO DAS AGUIAS.



A partida do aviador Frey, em monoplano Morane

E' bem pelo caminho das aguias que os aeroplanos avançam e ellas de tal fórma comprehendem como o homem preten-

No concurso Paris-Turim-Roma, com que se celebra o cincoentenario da unificação da Italia, as aguias não se lançara-



Um homem que vóa na immensidade

de avassalar os seus dominios que já o surpreendem nas alturas onde até agora teem sido os unicos soberanos. Atacaram Gibert e atacaram Vedrines.

ram contra os aviadores, que passam por sobre as montanhas, as cidades, os rios. Foram vinte e dois os aviadores que se inscreveram n'essa prova organizada pelo



A partida de Vidart

*Petit Journal* e a que o *Petit Parisien* respondeu com a de Paris-Madrid. Os concorrentes percorrem dois mil e noventa e cinco kilometros em tres *étapes* que são Paris-Nice, Nice-Roma e Roma-Turim com pontos intermeditarios e deixaram a capital franceza em 28 de maio ás 6 horas da manhã.



1—André Beaumont Conneau no momento da partida

O aviador Conneau viu-se obrigado a parar em Nice mas foi o vencedor e Garros que devir ser o primeiro a chegar a Roma e descer na manhã de 31 de maio, como uma aguia colossal baixando na terra secular das aguias, teve que ficar em Pisa diante d'uma tempestade violentissima.

Natham, o celebre maire da cidade eterna, ordenou que á chegada do primeiro aviador os canhões troassem em signal de jubilo avisando assim os romanos de que a aviação contava mais um triumpho, que o homem já vae conquistando os espaços na sua ancia secular de chegar ao céu.

2—Molla em um monoplano Sommer.  
3—O novo biplano de Plulhan, em que o celebre aviador foi assistir á partida dos seus camaradas para Turim

